

## FORMAS DE NARRAR O PASSADO EM LUGARES DE SOFRIMENTO: ENTRE O QUE É VISTO E O QUE É LEMBRADO.

DANIELE BORGES BEZERRA<sup>1</sup>; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES;  
LETICIA MAZZUCHI FERREIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– [borgesfotografia@gmail.com](mailto:borgesfotografia@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas– [julianeserres@gmail.com](mailto:julianeserres@gmail.com); [leticiamazzucchi@gmail.com](mailto:leticiamazzucchi@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho irá versar sobre a rememoração de experiências traumáticas a partir da exposição de vestígios (DEBARY, 2002) e a configuração de narrativas sobre o passado com a criação de memoriais e museus de memória no presente. Destarte apresentamos a problemática da patrimonialização em “lugares de memória” (NORA, 1993) marcados pelo sofrimento, especificamente no que se refere aos antigos leprosários criados, como hospitais-colônia, para isolar a população portadora do Mal de Hansen<sup>1</sup> da parcela saudável da população e evitar a disseminação da doença nas décadas de 1930 e 1940.

A hanseníase chegou ao Brasil com o início dos fluxos transatlânticos. Em 1600 foram identificados os primeiros casos no Rio de Janeiro e em 1737 já haviam sido relatados casos de 300 doentes do mal de Hansen. No século XVIII as pessoas infectadas começaram a sofrer uma forte perseguição, sendo a elas associados o estigma religioso da contaminação. Ocorreu, com isso, uma pressão social e política para retirar os “lazarentos” das ruas. O primeiro local de isolamento para pessoas com lepra no Brasil foi criado em Recife, em 1714, com o lendário Campo dos Lázaros, obra da igreja católica (AGRICOLA, 1960, p.13).

Os hospitais-colônia, criados num contexto histórico de eugenia e higiene social, são produto de políticas de segregação fomentadas a nível mundial no período de transição do séc. XIX para o XX. No Brasil, o Estado brasileiro integrou essa política transnacional e aplicou a medida profilática de isolamento em nome da saúde e da boa imagem da nação no período do Estado Novo (1937), período da ditadura instaurado pelo governo de Getúlio Vargas. Os projetos, que seguiam o modelo Norueguês, foram executados em lugares afastados dos centros urbanos, em lugares de difícil acesso, organizados no molde de microcidades onde dispunham de uma estrutura que replicava, em menor escala, a organização necessária para uma vida coletiva como as instituições totais descritas por Ervin Goffman na obra *Manicômios, prisões e conventos* (2003). Os hospitais-colônia possuíam um pátio que delimitava a fronteira entre o mundo dosãos e o espaço construído com igrejas, pavilhão de esportes, teatro, prisão, cemitério, e, inclusive, moeda própria. Foi só na década de 1960 que ocorreu o fim do isolamento compulsório. Quase, duas décadas depois, a inclusão de Auschwitz na lista do patrimônio mundial pela UNESCO em 1979 chama atenção à importância do reconhecimento de lugares marcados por experiências traumáticas. Assim, a problemática da patrimonialização diz respeito às memórias de milhares de pessoas e seus descendentes, mas também às ausências e ao indizível,

---

<sup>1</sup> Doença causada pelo *microbacterium leprae*, se apresenta de quatro formas principais: indeterminada; tuberculoide; virchowiana; dimorfa. Nem todos os tipos são contagiantes. A transmissão ocorre quando há contato com uma pessoa<sup>1</sup> contaminada, na fase de eliminação do bacilo pelas vias aéreas, através do contato com a pele lesionada ou pelo trato respiratório.

localizados nos lugares “como se os lugares pudessem ser sujeitos e portadores de lembranças, e talvez, possuam uma memória que transcende os homens” (ASSMAN, 2002, p.331). Nesse sentido, os hospitais-colônia são considerados, como lugares de sofrimento, uma vez que se configuram como lugares “onde a memória trabalha” (NORA, 1993 apud CANDAU, 2011, p.153) na evocação de emoções negativas que marcaram mais de uma geração.

Os sentidos do passado desprendem-se da materialidade evocativa do lugar e complementam-se com os objetos, documentos e fotografias expostos nos memoriais criados em seus espaços. Mas quais os significados atribuídos a esses lugares e “de que maneiras contam a história” (WAHNICH, 2010, p.2) dos eventos passados? Com relação aos memoriais resta a pergunta: Como narrar o indizível? Ou, ainda, como diria HUYSEN (2001, p.123) “[...] *cómo resolver la transmisión inexorablemente mediática de um trauma de la humanidade a las generaciones nascidas después de las víctimas* [...]” já que a multiplicidade de discursos que tornam pública a memória mobilizam valores diferentes de acordo com as suas representações?

## 2. METODOLOGIA

A metodologia consiste na análise da patrimonialização em lugares de sofrimento no Brasil e no exterior a partir da bibliografia existente sobre o tema, que versa sobretudo sobre lugares marcados pelo sofrimento e formas de narrar o trauma (POLLAK; SELIGMANN- SILVA; DEBARY; WAHNICH). A pesquisa de campo será desenvolvida em três hospitais-colônia no Brasil (Colônia Itapuã, Colônia Santa Izabel e Colônia Aimorés). Visitas pontuais serão realizadas para o mapeamento do lugar em imagens, bem como para o registro em imagens do acervo e dos espaços constituídos pelos memoriais. A fotografia se constitui enquanto parte ativa do método, haja vista o seu potencial em produzir “imagens para a memória, sobretudo quando as palavras não bastam” (ASSMAN, 1999 p 245). Não serão feitas entrevistas nos locais?

Serão feitas entrevistas estruturadas com os gestores das instituições e pessoas envolvidas com a criação e manutenção dos memoriais para saber sobre os destinos prováveis destas instituições, sobretudo questionando o posicionamento desses gestores sobre a preservação da memória do hospital.

A pesquisa de de público será utilizada para identificar quais os diferentes significados atribuídos aos memoriais e seus acervos, bem como os sentimentos provocados, nos diversos visitantes. Com isso pretende-se entender as memórias que vêm sendo patrimonializadas através desses locais de guarda e suas convergências. Além disso, a história oral será utilizada para o registro das memórias e opiniões de pacientes, moradores dos hospitais-colônia com relação à memória do lugar. O registro da história oral será feita a partir de conversas informais, ensaios fotográficos e entrevistas narrativas (BAUER e GASKELL, 2002) com a comunidade dos três hospitais- colônia: moradores, seus familiares e funcionários.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após um semestre de curso foi possível requalificar o objeto de pesquisa que passa a ser compreender “Que dispositivos patrimoniais estão sendo gerados para salvar do esquecimento lugares que abrigaram práticas de exclusão e sofrimento (formas de guardar, musealizar, expor, narrar as memórias)? Como os visitantes interpretam as diferentes *formas de narrar o passado* organizadas em

nome da memória? Como ocorre o processo de comunicação de memórias indizíveis” Para tanto foram elencados alguns autores e textos que podem embasar o trabalho. Começou-se um levantamento da história da hanseníase no Brasil e no mundo, bem como, sobre diferentes abordagens sobre a preservação da memória do lugar e das pessoas viveram as políticas de isolamento.

Após contato com o órgão de proteção ao patrimônio no estado de São Paulo (Condephat), foi possível estudar o processo de tombamento, em 2014, do conjunto do Hospital- colônia Aimorés, localizado em Bauru (SP). Também, foi possível, ter acesso ao processo para tombamento do conjunto do Hospital Colônia Itapuã pelo Instituto do Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul (IPHAE/ RS), cujo processo, aberto em 2013, “já caracteriza o tombamento provisório do conjunto, fazendo com que qualquer projeto de intervenção no conjunto tenha que ser submetido à análise técnica e aprovação do IPHAE” (IPHAE, 2015). Observou-se que os processos de tombamento de hospitais-colônia no Brasil seguem critérios de valorização associados à preservação da arquitetura inserida no lugar e não à memória de quem viveu nesses lugares. Em entrevista ao coordenador nacional do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN), Artur Custódio, em junho deste ano o mesmo entende que “é possível pensar num discurso de reconhecimento quase uniforme, a partir de um eixo central, que pode ser uma política nacional de preservação dessas colônias, e cada estado ir adaptando à sua especificidade”. (Artur Custódio, 2015).

Finalmente, em visita ao Memorial do HCl, inaugurado em 2014, foi possível observar a constituição de um espaço de memória, como um dispositivo de ativação da memória, composto a partir da articulação de restos materiais do passado. Este memorial, assim como o Museu do Colônia Santa Izabel (MG) e o Memorial do Colônia Aimorés (SP) serão estudados, a partir de uma pesquisa de opinião com os visitantes, a fim de compreender o que as suas formas narrativas provocam.

#### **4. CONCLUSÕES**

É possível inferir, a partir das primeiras pesquisas de campo e do que vem sendo veiculado pela mídia impressa a nível nacional, que existe uma movimentação muito forte no sentido de reconhecimento e reparação simbólica pelo sofrimento que as vítimas do isolamento foram submetidas.

Além disso, percebeu-se que embora existam ações e discursos mais ou menos uniformes com relação ao reconhecimento, proteção e exposição pública das memórias, cada instituição configura o seus espaços de memória, a partir de dispositivos de rememoração (como os museus e memoriais) com diferentes formas de exposição do passado.

Como hipótese, propõe-se que seja possível falar em uma estetização das políticas de memória (Cf.SELIGMANN- SILVA, 2009) como produto das ações de reconhecimento dos eventos traumáticos do passado, a partir de interpretações no tempo presente. Entretanto, considera-se que as diversas emoções ativadas pelos dispositivos de memória talvez não promovam uma comoção em torno das memórias dolorosas, mas valorizem um olhar sobre o cotidiano pitoresco no interior destas instituições. Assim, situamo-nos no espaço subjetivo entre a percepção do visitante e a emoção do antigo morador para problematizar a categoria da vítima e os dispositivos políticos para o reconhecimento de locais de memória marcados por eventos traumáticos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Aleida. **Ricordare: Forme e mutamenti della memoria culturale**. Bologna: ed. Mulino, 2002.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Traduzido por: Maria Leticia M. Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

BAUER, Martin; W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª edição. Traduzido por: Pedrinho A. Gareschi. Rio de Janeiro. Vozes, 2002.

DEBARY, Octave. **La fin du Creusot ou L'art d'accommoder les restes**. Paris: Éditions du CTHS, 2002, Érudit: Collection Le regard de l'ethnologue 13. Acessado em 10 de mai. de 2015. Online. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/013753ar>.

FIOCRUZ. **Biblioteca de Manguinhos. Série doenças: Hanseníase**. (s/a). Acessado em 21/10/2014. Online. Disponível em: [http://www.cpqrr.fiocruz.br/informacao\\_em\\_saude/CICT/Hanseníase.htm](http://www.cpqrr.fiocruz.br/informacao_em_saude/CICT/Hanseníase.htm)

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 7ª ed., 2003.

HUYSEN, Andreas. **Em busca Del futuro perdido: cultura y memoria en tiempos de globalización**. Tradución de Silvia Fehermann. Buenos Aires: Graficor, 2001.

IPHA. **Ofício nº 210/2013/IPHA/SEDAC-RS**. Correspondência por e-mail em 20 de jan. de 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução Yara AunKoury. In Projeto história. Revista do Programa de estudos de Pós Graduados em história e do Departamento de história da PUC- SP. São Paulo: Educ, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acessado em 12 de junho de 2014.

SELIGMANN- SILVA. Márcio. **Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo**. Unicamp: Remate de Males- 29 (2) jul./dez. 2009. Acessado em 20 de jun. de 2015. Online. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/873>

WAHNICH, Sophie. **Transmettre l'effroi, penser la terreur: Les musées d'une Europe déchirée**. Gradhiva [en ligne], 5/ 2007, mis en ligne le 12 juillet 2010, Acessado em 01/07/2015. Online. Disponível em: <http://gradhiva.revues.org/692>